



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A RESPOSTA DO SABICHÃO AO IGNORANTÃO

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑÉ

SE eu fôsse um Anão má rez, com certeza me chegaria a mostarda ao nariz, pela maneira, trocista e descortês, de que o Anão Ignorantão se serviu, para impôr a sua entrada, aqui, no «Pim-Pam-Pum».

Mas, além de eu sêr um Anãozinho bom de lei, devo áquela senhora, amiga dos meninos, dos anões, bichezas, bichinhos e mais animazinhos, chamada Virginia Lopes de Mendonça, um grande obséquio: foi ela quem me deixou, certo dia, aqui há dois anos, vir substitui-la neste jornalzinho.

Seria antipático da minha parte, não receber bem o tal Ignorantão. Não poderá sêr com a mesma gentileza, como ela me recebeu, mas, sim, com indiferença, visto que o maroto mete a ridículo a minha sabedoria e não tem respeito algum pelas barbas branquinhas dêste colega vêlhinho!

Passemos em claro as muitas tolices que êle diz

na carta aqui publicada, há tempos, e aceitemos a sua colaboração.

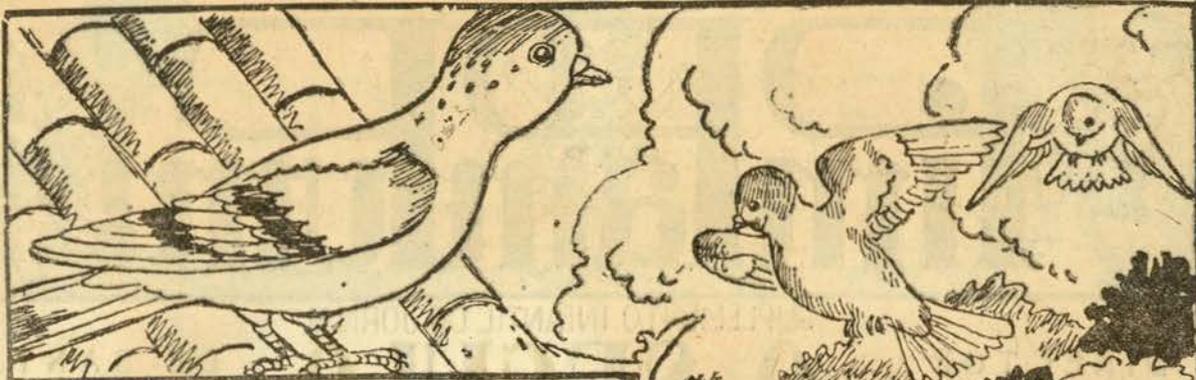
Eu não deixarei, também, de escrever aqui, isso não!

Muito desgostoso ficaria se nunca mais comunicasse com os meus queridos amiguinhos e penso que êles já se afeioaram bastante ao vêlhotinho do Anão Sabichão, para assim o pensarem também.

De forma que umas vezes será o tal velhaquete do Ignorantão quem lhes irá contar as suas historietas, outras, serei eu, o Sabichão, que, com a certeza de nunca os ter maçado, antes divertido, continuará as suas crônicazinhas no «Pim-Pam-Pum».

Assim fica resolvido, o caso bem intrincado, tomem nisto bem sentido: o tal Anão malcriado, e tão cheio de defeitos, contará o que quiser, mas, como eu tenho direitos,



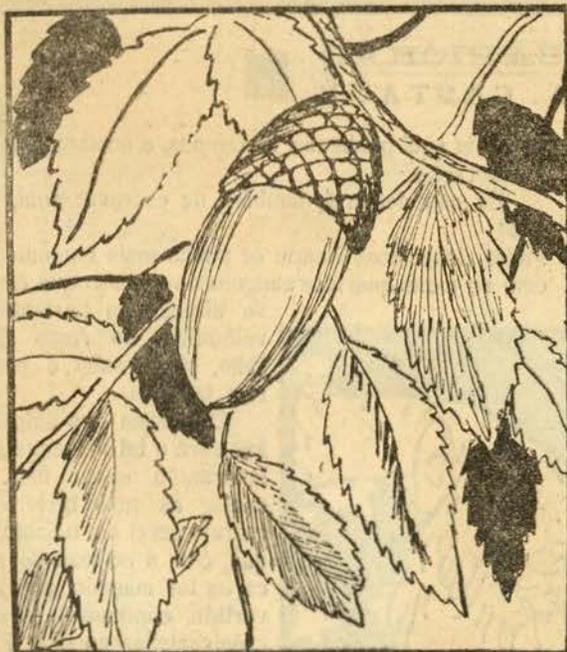


eu também hei-de escrever!
E nós veremos, depois,
— os meninos o dirão! —
qual será de nós, os dois,
o de maior reinação!
Se será o Sabichão,
ou o tal Ignorantão! —

E agora, falando noutro assunto, como ainda tenho aqui um bocadinho de espaço, vou-lhes contar uma história verdadeira, passada com pombinhos, essas lindas aves que, além da sua beleza, são tão simpáticas.

Poderia intitular esta historiazinha:
Semeadores alados...

Em certas regiões, muito isoladas, onde raramente



o homem passa, existem matas de carvalhos e azinheiras que são as árvores, donde nascem as bolotas.

Os pombos pelam-se por elas!

Ora, tôda a gente se admirava como essas árvores nasciam ali, se não eram semeadas pelo homem!

Descobriu-se, agora, que se lá estão, é devido aos próprios pombos.

E sabem, os meus amiguinhos, como êste prodígio acontece?

Os pombos baixam nos campos dos povoados, onde há azinheiras e carvalhos plantados, para comerem as bolotas.

Depois de engulirem, deixam-nas estar no papo o tempo necessário para elas amolecerem e, nos sítios desertos, onde não há árvores, enterram-nas, com tôda a força, na terra.

Assim moles, mais depressa pegam e, por essa razão, daí a muito tempo, as novas gerações de pombos têm, nesses lugares, dantes incultos, o seu alimento favorito.

Ê, ou não ê, inteligente, esta idea dos lindos pombinhos?

Decerto, não a esquecerão, pois, na verdade, nada há mais interessante que conhecer a astúcia que certos animaizinhos empregam para a conservação da espécie.

E, agora, meus meninos, até à próxima vez!

Por vários motivos, entre êles dar lugar ao Anão Ignorantão, os meus escritos têm de aparecer menos vezes no «Pim-Pam-Pum».

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O melhor brinde a oferecer
por ocasião do Natal
as crianças, é o livro

PRESENTE DO NATAL

que contém versos
de Graciette Branco e prosa
de Augusto de Santa-Rita

PREÇO 5\$00

Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRAFICAS

Por MANUEL FERREIRA

LUIZ DE CAMOES

DEPOIS de terem passado os Gamas, os Castros, os Dias, os «temidos Almeida» por quem sempre o Tejo chora» pairou uma névem no horizonte. Num instante, rasgou-se e dela safu uma chama de extraordinário fulgor que envolvia um anjo resplandecente de luz e de beleza.

O anjo, que era o génio da poesia, desceu à terra e abençoou o nascimento duma criança reservada para os mais altos destinos. Essa criança foi Camões (1524-1580), reflexo do Talento e da Desgraça, cuja cabeça, em vez de ostentar a corôa de louros a que tinha direito, foi aureolada pela corôa excelsa do martírio.

Camões tornou-se o digno cantor de uma tal raça. No seu livro, que é um hino aos feitos lusitanos, se adquire o amor da Pátria quando atravessamos horas incertas de desalento...

Cantou a beleza dêste lindo tapete matizado, belo e lançado à beira do Oceano que levou as caravelas a mundos desconhecidos. Se Portugal não tivesse uma religião sua, «Os Lusíadas» seriam o seu Evangelho. Ésse livro, o livro da Pátria, é a descrição das mais formosas aventuras da Raça. Camões é o cantor de quem «novos mundos deu ao mundo» e o símbolo do Portugal inspirado, que luta, canta e sofre...

Luís de Camões é um dos maiores poetas da Humanidade, e tão grande é o seu Génio que, no estrangeiro, nos conhecem pelo País de Camões.

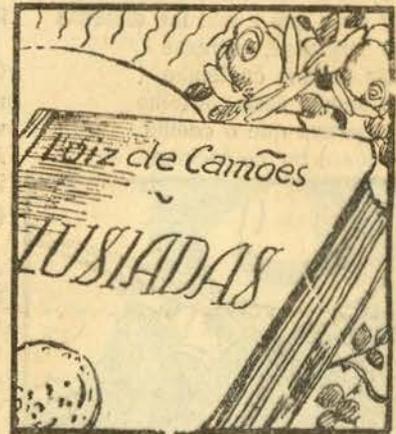
Luís de Camões é a figura mais representativa da Pátria. Lá fora, os portugueses, saudosos da terra, agrupam-se em torno do poeta e, à sombra do seu extraordinário vulto, sentem-se mais patriotas. Na nossa História, quando a amargura se apodera de nós, «Os Lusíadas» são

o livro santo que nos dá ânimo para vencer as dificuldades. A idéa de Camões anda ligada a idéa de «Os Lusíadas» e a esta o conceito sublime da Pátria!

Terra de beleza, terra de maravilha, onde o mar, verde-esmeralda, parece entoar hinos à bravura da nossa Raça, não admira que Portugal inspirasse o poeta, tão admiravelmente.

¿Qual é o português que não se sente rendido e fascinado por esta Pátria tão linda, que até parece um paraíso terrestre?

Mas Luís de Camões não foi, apenas, o poeta que tangeu a lira e cantou as belezas da nossa terra as glórias da nossa gente. Não foi, apenas, o extraordinário cantor da admirável cavalgada de sonho que



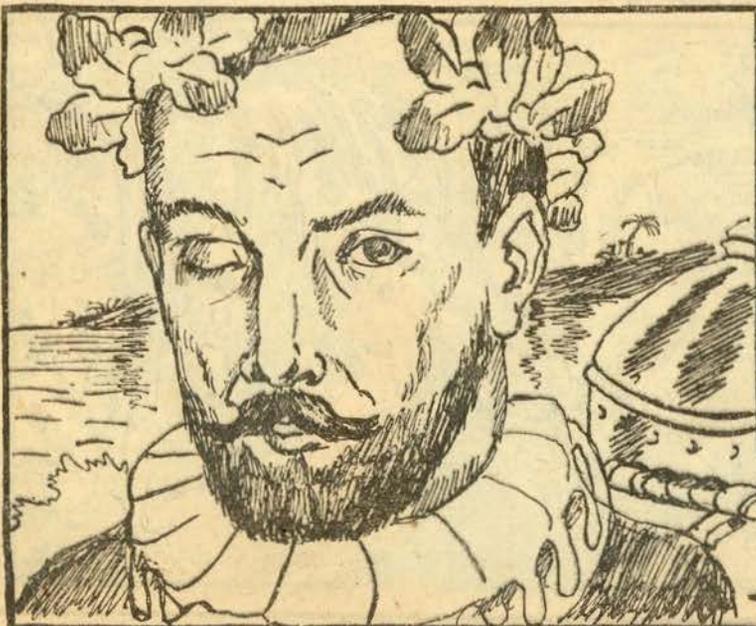
é a nossa História. Foi, também, o soldado que se bateu, rijamente, pela Pátria...

Enlaçou à lira suave e dulcíssima de poeta, a espada rude de batalhador. Mas ainda mais, Camões foi, além de tudo isso, o Génio admirável que encarnou o Espírito da Grei.

Sábio, como poucos, Camões, segundo afirmam eruditos contemporâneos, retiniu em «Os Lusíadas» tudo que respeitava a ciência da época. Os investigadores dêsse livro têm encontrado nelas revelações interessantíssimas sôbre náutica, astronomia, fauna, flora e até sôbre medicina!

Enquanto no mar o capítulo da

(Continua na página 7)



COMO É A VIDA?

POR LAURA CHAVES

NASCERA aquela raposa dum pai muito manhoso e dum pai muito bravo, mas o seu destino quis que a raposinha infeliz saísse doutro feitio.

Não tinha golpe de vista, seguia mal uma pista por ser parva, irresoluta. Diziam os animais que ela não saía aos pais mas a uma avó que era bruta.

Por mais que a mãe lhe dissesse que farejasse, corresse atrás dalgum coelhinho, não seguia êsse conselho e esperava que o coelho lhe fôsse ter ao focinho.



Os raposos seus irmãos, eram ágeis, finos, saos, gorduchos e anafados, porque sabiam caçar, chegando mesmo a roubar leitõezinhos dos montados.

E ao vê-los gordos, valentes, ela então rangia os dentes e guinchava, a Raposinha: — A êstes nem quere a morte! Sempre eu tenho uma má sorte! Que raio de vida, a minha! (1)

(1)— Raio de vida — expressão só usada por raposas malcriadas.



Um dia avistou um galo e pensou: «Pois vou pilhá-lo, metida neste restólho. Os meu manos hão-de ver como eu sei também comer petiscos de encher o ôlho.»

Cheia de sofreguidão nem deu conta de que um cão vinha já no seu encalço... Aquilo foi o diabo, ia ficando sem rabo por môr daquele percalço.

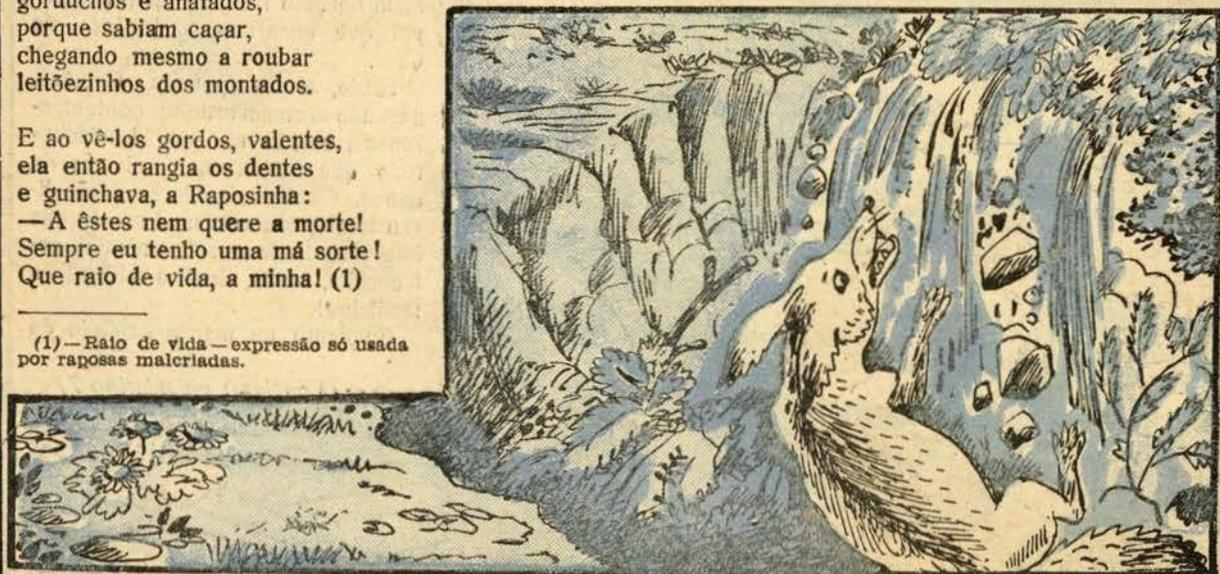
Ao sentir-se abocanhada nem pensou, a desastrada, que, por ser uma parvinha, o cão a ia matando, e foi fugindo e rosnando: — Que raio de vida, a minha! —

Uma vez, também ouviu tiros partindo do rio. Andava gente caçando, Pois sem mesmo se esconder tratou logo de ir lá ver. Só de perdizes, um bando!

Mas que de caça abatida! Quando ela, toda atrevida pôs dente numa coelha, ladrou um cão perdigueiro, e veio um tiro certo que lhe furou uma orelha.

Enorme berro ela deu! Tudo, em volta, estremeceu! Tão grande era a dor que tinha que gritou dando á canela sem ver que a culpa era dela: — Que raio de vida, a minha!

(Continua na página 7)



O BURRO E O PORCO

POR MANUEL FERREIRA

NUMA propriedade dos arredores de Lisboa, pertença de um moleiro, viviam, numa velha e carunchosa estrebaria, um burro e um porco.

O burro trabalhava áperamente, a puxar à nora, a trazer grandes feixes de trigo da eira para o celeiro, a ir à vila mais próxima buscar adubo, a carregar sacos de farinha e de grão, do moinho para casa dos freguezes e da casa destes para o moinho. Não tinha, coitado, um momento de descanso. O moleiro, o Zé da Teresa, já havia pensado em o substituir por outro, mais novo e de mais rendimento. E como prémio do esforço persistente do burro, este nunca mais trabalharia e havia de viver descansado no palheiro, que, embora velho e carunchoso, o protegia das nortadas rijas e das chuvas de inverno.

Relativamente ao porco, passava-se um caso muito diferente. O Zé da Teresa não exigia trabalho nenhum dele. Comia e dormia apenas, pensando, de si para si, que o moleiro estava ali a sustentá-lo só para vista e para luxo.

E, de facto, não havia, tão bem tratado, outro leitão nas redondezas. Só o da comadre «Jaquina» se poderia comparar, se bem que ao de leve, com ele. Toda a gente gabava o porco do Zé da Teresa. E os porcos da vizinhança invejavam-no também.

Nessa tarde de verão, o burro tinha regressado, havia pouco, moído de trabalho. Moído de pancadas, não, porque o moleiro tratava-o muito bem, dizendo-lhe, até, palavrinhas doces ao ouvido e fazendo-lhe negaças com um molho de hortaliça fresca, para que ele conduzisse, sem aparente custo, os sacos da farinha.

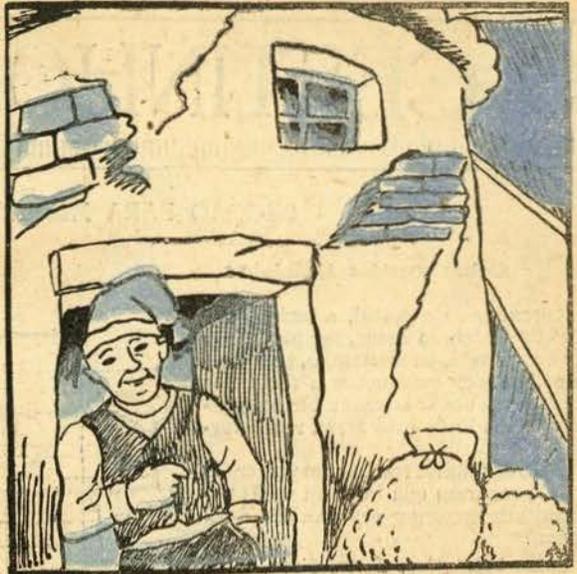
O porco meteu conversa, dizendo:

— «Amigo burro! Isto, para ti, não vai bem. Fartas-te de trabalhar, sem compensação alguma. Quando fores velho, serás vendido e, depois de morto, aproveitarão a tua pele para um tambôr.»

— «Mas, vizinho porco, — (interrompeu o burro) —, às vezes o ti'Zé diz-me, ao ouvido, que me vai dar descanso e comprar outro burro para o serviço que eu faço!...»

— «Ora! Ora! Cantigas! Eu bem sei o que isso é — (sorriu-se, escarninho, o porco.) — Em tu não podendo, ele dá-te uma pancada forte, em cima, e ficas descansado por uma vez...»

Eu cá, não! Levo boa vida e hei-de morrer, se Deus quizer, sossegado. Olha cá, eu se fôsse a ti...»



— «O que fazias, amigo porco?» interrompeu, interessado, o burro.

— «Fugia! Ia ver novas terras, viajar, tomar o fresco. Ver cousas que nunca viste, meu tolo! Ou queres antes ficar aqui à espera que te matem?»

— «Mas, ó vizinho, eu hei-de agora deixar o meu patrão, que tem sido tão bom para mim, para ir, à toa, por esses caminhos fora, que eu não conheço?»

— «Deixa-te ficar, colega burro. E quando vires o teu patrão dirigir-se a ti, para te mandar de presente ao diabo, então, dirás que devias ter fugido a tempo. Olha, quem te avisa...»

Nessa noite, o burro ficou a matutar nas palavras do vizinho. De madrugada, aproveitando uma distração do dono, fugiu para a rua.

Quando o dono voltou de ter ido encher um saco, procurou o burro mas nunca mais o viu.

Dias depois, entrava um burrinho novo na estrebaria para ocupar o lugar do fugitivo. Mas o «alma danada» não era sofredor nem manso como o outro e não se ajeitava ao serviço. Porém, a pouco e pouco, teve de se habituar...»

Entretanto, o nosso burro desatara a correr por montes e vales com direcção desconhecida, perfeitamente à toa, aqui bebendo água num riacho, acolá comendo alguma palha que estava acamada junto às eiras. Tornou-se vagabundo e ladrão. Quando o surpreendiam a invadir uma horta, uma seara ou uma vinha, o rapazinho vinha de lá com páus e pedras e o burro, moído e escanzelado, lá tinha de fazer das fraquezas forças, e fugir sem olhar para trás. Ficava de noite na rua, ao relento, pois quando se acercava dum palheiro, os camponeses diziam-lhe:

— «Vai-te embora, burro do diabo! Vai lá ficar por onde andaste...»

E as velhas diziam sentenciosas:

— «Amigo burro, boa vida levais, boa fome rapais!»
Falavam verdade! Fome, frio, pancadas e maus tratos



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

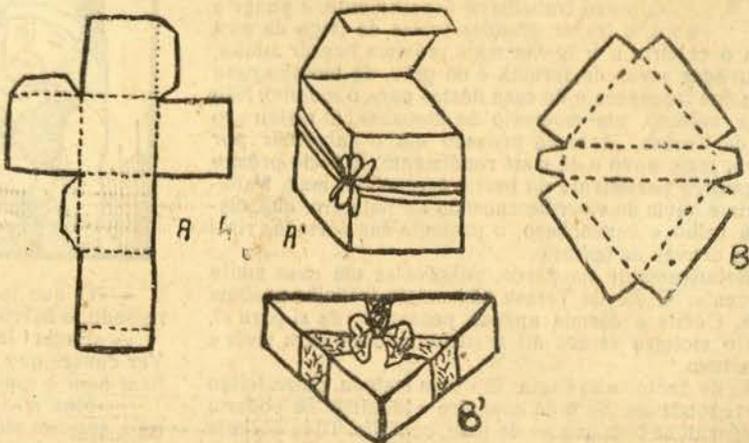
Aproxima-se o Natal, a linda época em que o Menino Jesus, sempre bom e generoso, vem, de mansinho, pela chaminé, deixar brinquedos à farta nos sapatinhos dos seus amiguinhos pequenos. É tão linda esta ideia, não é verdade?

É tão agradável receber um presente! Já pensaram que também vocês poderiam proporcionar essa alegria a alguém?

Essas caixinhas, de bombons, rebuçados, bolachinhas, ou qualquer pequenino trabalho que lá lhe queiram meter dentro, serão uma encantadora lembrança que poderão confeccionar e oferecer, tanto a pequenos, como a crescidos.

O seu grande valor está em ser feito por vós próprias.

Para isso, arranjam uma fôlha de cartolina de côr e, com o auxilio de uma régua e de uma fita métrica fazem o desenho de qualquer dos modelos que hoje lhes apresento. Nos dois modelos vai indicada a parte da pestana que tem de se deixar no cartão para pegar



os lados da caixa e dar-lhe forma. Estas pestanas, pegadas com goma forte, contibuem para lhe dar resistência.

As figuras A e B mostram as caixi-

nhas depois de prontas. Também ficarão muito bonitas em cartolina branca, com flores ou bonecos pintados.

ABELHA MESTRA

eram os lucros da sua fuga da estrebaria do Zé da Teresa.

Então, o burro pensava:

— «Final, eu quando lá estava, trabalhava muito mas tinha sustento à farta e pousada certa. Agora, ando feito vadio e se me apanham... levam-me de presente ao matadouro. Cruzes, figas! Antes mil vezes a casa do patrão. Estou certo de que ele, com a alegria de me ver, não me fará mal algum...»

Arrepelava-se, dizendo:

— «Sempre fui muito «burro», em dar crédito às palavras do porco! Impostor! Ele ha-de morrer descansado e a mim talvez me possa acontecer o mesmo.»

Absorvido na sua filosofia, entrou, irreflectidamente numa vinha. Mas uma pedra bateu-lhe, em cheio, no corpo esquelético e lazarento. O burro, então, desatou a fugir dizendo:



— «Toca a andar mas é para casa do moleiro. Voltamos à primeira forma que a lição foi bem dura!...»

Passadas semanas, entrou no largo principal da aldeia, um burro magro e chaguento, vindo de não sei de onde, ninguém o conhecia, tal o estado em que estava. Entretanto, viram o burro encaminhar-se para a estrebaria do Zé da Teresa.

Imediatamente, alguns populares foram chamar este. O pobre homem, que estava pondo as velas ao moíno, ao receber a noticia, desatou a correr, atropelando galinhas e cachorros que se lhe atravessavam na estrada. Ao chegar à estrebaria, viu muita gente a rodear o burro que havia regressado, finalmente, após tão grande ausência.

No seu contentamento, antes mesmo de abrir a porta do palheiro, o homem abraçou o burro, com entusiasmo:

— «Anda cá, burrinho da minha alma!»

— (E, mal entrou na estrebaria, o Zé da Teresa acrescentou:) — «Como voltaste, irás passar uma velhice descansada. Nunca mais trabalharás porque tens agora um companheiro para te substituir.»

Daí a momentos, quando o moleiro se retirou, o burro velho preguntou ao seu camarada novo:

— «Que é feito do porco que estava a engordar, ali, na pocilga?»

— «Aquele porco! disse o outro asno, espantado:— morreu! O patrão engordou-o para aquela aplicação. Ele gritou bastante mas, meu amigo, o destino era aquele...»

E o burro velho lá ficou a pensar nesse destino que dá o prémio aos que se arrependem e castiga os que procedem mal...

GRANDES DE PORTUGAL PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuação da página)

expansão se escrevia gloriosamente, o poeta encontrava nos rasgos da nossa epopeia assunto para cantar «as armas e os barões assinalados».

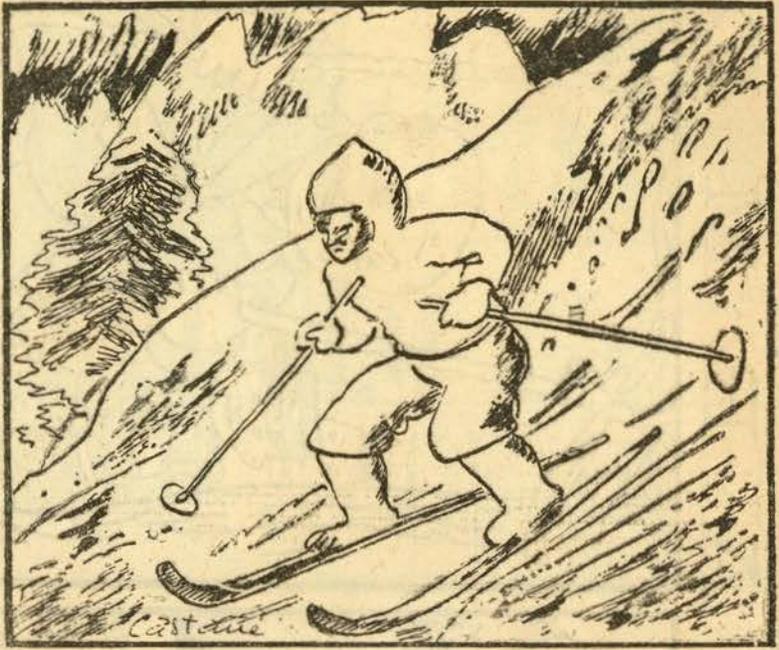
Camões foi poeta e mártir. Num País onde, por vezes, o Génio é companheiro da desgraça, Camões arrebatado com os fulgores do seu talento e comove com as suas desditas.

Eremita, escreve versos na gruta de Macau. Numa das suas viagens naufraga, mas salva a sua obra, empunhando-a acima das águas encapeladas do oceano.

Quando, depois do rasgo do último rei cavaleiro, o reino fraco e vacilante, cai nas mãos do velho Cardial-Rei, o poeta entra no ocaso da sua existência. E quando os pendões castelhanos tremulavam junto da sagrada terra de Portugal, o Poeta, o Génio, com a saúde da Pátria, a pungiu-lo, amargamente, exclama:

— «Ao menos morro com Portugal!»

Morreu, ignorado de todos, aquele que hoje todo o mundo conhece. Depois de haver erguido às glórias portuguesas um hino tão duradouro como estas, depois de ter votado ao País corpo e alma, «*braço às armas feito e mente às musas dada*», desceu à terra com o coração palpitando de amor por seu Portugal tão lindo, por êsse Portugal de maravilha que levou a cruz de Cristo a longas terras, edifi-



COMO É A VIDA?

(Continuação da página 4)

Um dia, andando no mato, senti um cheiro a chibato que chegava ao coração. Sem pensar se era cilada ei-la a correr, confiada... Nisto, zás! faltou-lhe o chão!

Tentou pular, dar um salto, mas o pço era tão alto

que caiu partindo a espinha. Pois inda antes de morrer teve tempo de dizer: — Que raio de vida, a minha!

.....
Que verdade, vejam lá, há no conto que escrevemos! A vida é boa, ou é má? É como nós a fazemos.

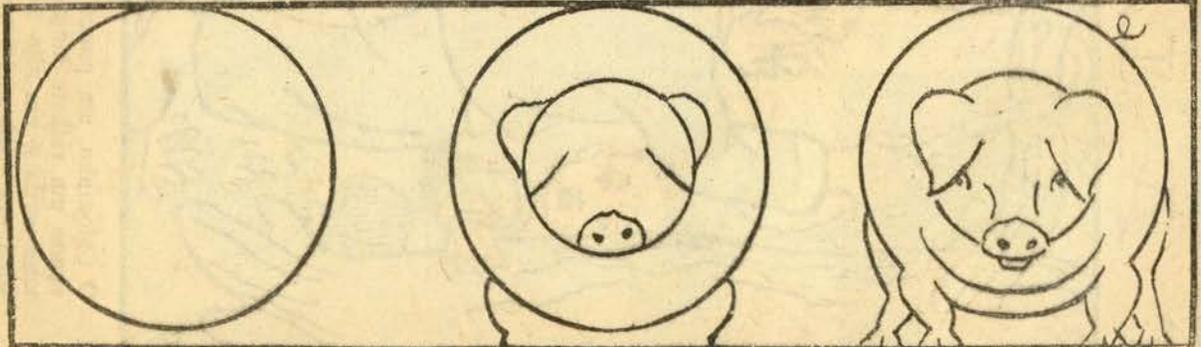
cando um grandioso e forte Império!

cavaleiro, bravo e leal, foi poeta, talentoso e apaixonado, foi o marreante que fitou auroras de extraordinária Beleza...

Luis Vaz de Camões foi o verdadeiro símbolo da nossa Raça, foi

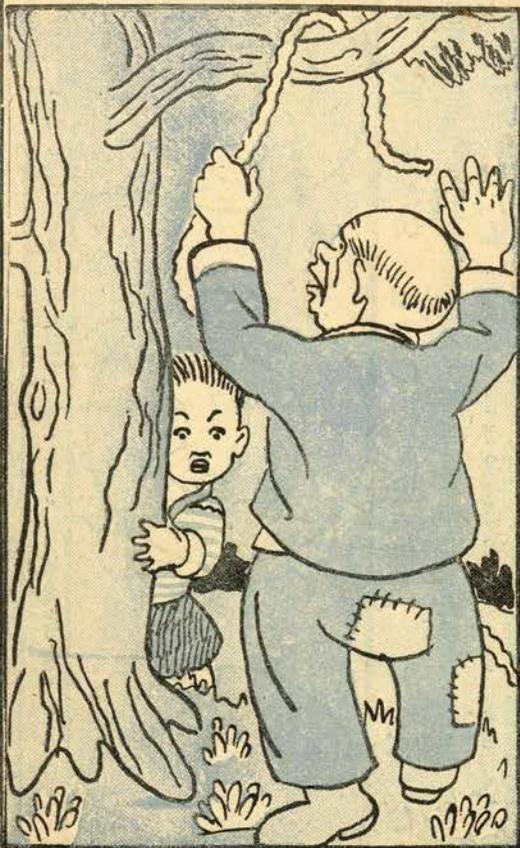
F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O

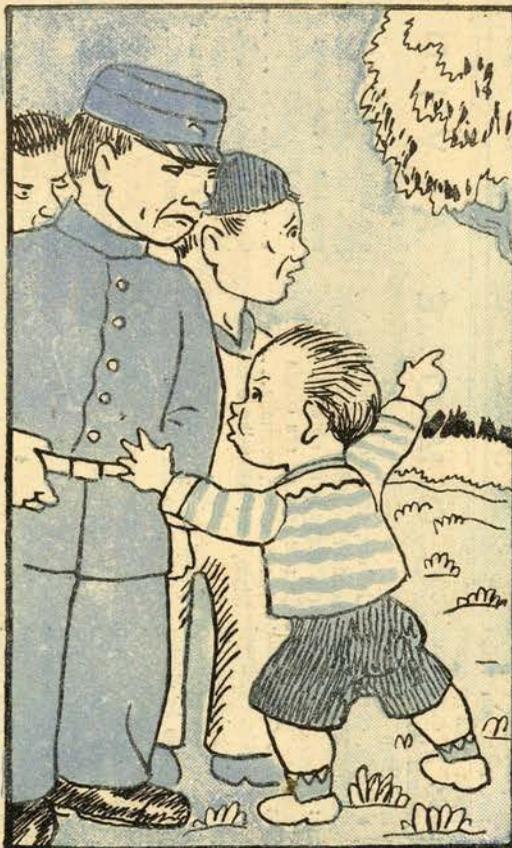


Como se desenha um porquinho... salvo seja!

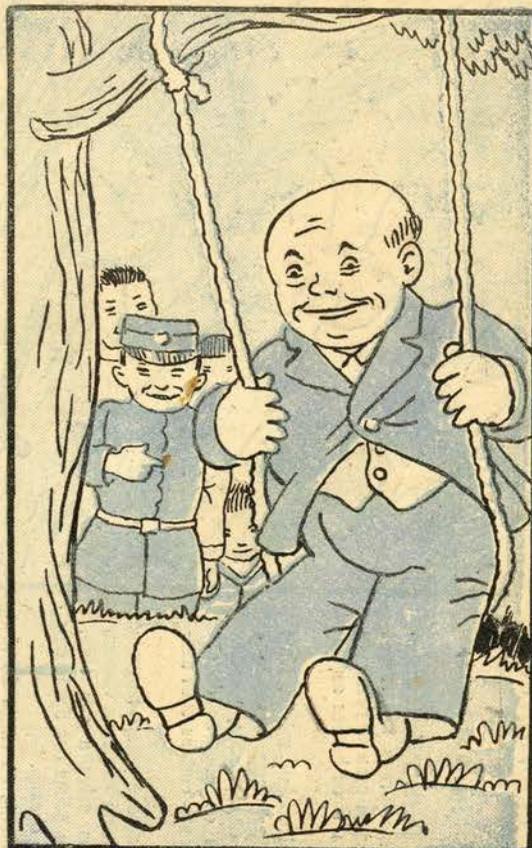
F A L S O A L A R M E



I — O Chiquinho, um pouco bronco, vendo um vêlhote lançar uma corda a um alto tronco, solta um grito, quási um renco: — «Vai-se um vêlhinho enforcar!...»



II — Ao berreiro do Chiquinho, aparece, logo, um guarda. — «Venha salvar um vêlhinho!...» clama o nosso maluquinho vendo chegar gente em barda.



III — Correm todos a acudir... Mas, nisto, o grande alvorôço cessa e pôe-se tudo a rir, vendo o vêlhote, a sorrir, num excelente balouço.